

A CRÔNICA de Rubem Braga

17.11.59

A ETERNA POLÍCIA

ISSO já aconteceu a vários amigos meus, vítimas de furtos no Rio. Dão queixa à Polícia; depois recebem a visita de policiais pedindo dinheiro para táxi em diligências sempre distantes; depois outros pedidos; depois nada.

O último caso foi diferente. O furtado sabia quem era o ladrão — um empregado que fugiu com algumas jóias da família. A Polícia não o encontrou, mas um parente da vítima o localizou por acaso trabalhando em outra residência, e o prendeu. Tinha no bolso ainda uma das jóias furtadas, um crucifixo de valor apenas estimativo. O resto vendera a um comerciante com loja na Rua do Ouvidor. Meu amigo foi à loja com a Polícia. O comerciante exibiu um recibo de 17 contos em que estavam o nome do vendedor, a relação das jóias, o número da carteira de identidade e da carteira profissional do vendedor — tudo direitinho. E as jóias? Ah, tinha desmanchado todas. Como provar que não? Na melhor hipótese meu amigo receberá aqueles 17 contos, embora sabendo que as jóias valiam, só pelo material, mais de 100, e que o honrado intrujão não deu ao gatuno mais de 3...

A Polícia não tem (ou não quer ter) a desconfiança de que ninguém compra de boa-fé jóias de valor a um empregado doméstico.

Não vale a pena, como se vê, apresentar queixa de furto à nossa Polícia — a menos que se tenha pistolão realmente forte, ou um amigo de confiança na delegacia. Mas mesmo nestes casos há perigo. Vejam o que aconteceu a esse casal de Botafogo, furtado por uma doméstica menor. Levou-a ao Distrito, onde ela confessou o furto de algumas coisas, mas negou o de outras. A menor ficou presa, foi torturada e supliciada e, afinal, quase morta, levada ao Hospital Miguel Couto. Esses patrões não terão remorso por haverem entregue a jovem ladra a esses policiais? Ou terão gratificado esses homens com alguma coisa para que eles “aper-tassem” a môça?

Coronel Crisanto: se o senhor quiser mesmo consertar essa Polícia fique sabendo que vai ter muito, mas muito, o que fazer. Não acredito, francamente, que o faça; mas pelo menos não deixe impunes esses repugnantes sádicos. E' o que todos esperamos do senhor; espero que não seja esperar demasiado.